



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JAÍSA DE FARIAS TARGINO

**LINGUAGEM E SABERES DE RESITÊNCIA: A COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO JATOBÁ NA MÍDIA**

**PATU
2025**

JAISA DE FARIAS TARGINO

**LINGUAGEM E SABERES DE RESISTÊNCIA: A COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO JATOBÁ NA MÍDIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito de avaliação da disciplina TCC II, ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de Letras - Língua Portuguesa, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Almeida Inhoti

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

T185I Targino, Jaísa de Farias
 Linguagem e saberes de resistência: a Comunidade Quilombola do Jatobá na mídia. / Jaísa de Farias Targino. - Patu/RN, 2025.
 23p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Comunidade quilombola do Jatobá. 2. mídia. 3. linguística aplicada. 4. quilombamento. 5. linguagem. I. Inhoti, Aline Almeida. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

JAÍSA DE FARIAS TARGINO

**LINGUAGEM E SABERES DE RESITÊNCIA: A COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO JATOBÁ NA MÍDIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito de avaliação
da disciplina TCC II, ministrada pela
Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso
de Letras – Língua Portuguesa, no
Campus Avançado de Patu – CAP, da
Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte – UERN.

Aprovado em: 25/11/2025.

Banca examinadora



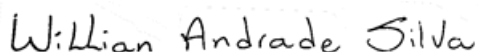
Prof.^a Dr.^a Aline Almeida Inhoti (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof.^a Dr.^a Antônia Sueli da Silva Gomes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof. Me. Willian Andrade Silva

Escola Municipal Raimundo Nonato da Silva

LINGUAGEM E SABERES DE RESISTÊNCIA: A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO JATOBÁ NA MÍDIA

Jaísa de Farias Targino¹
Prof.^a Dr.^a Aline Almeida Inhoti²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a representação de identidades da comunidade quilombola Jatobá/RN no que diz respeito à construção das suas identidades, situadas no espaço midiático, em específico, na plataforma do Youtube. A pesquisa é qualitativa e foi gerada a partir de duas produções midiáticas sobre a comunidade Jatobá/RN, disponíveis na plataforma do YouTube. O estudo situa-se na linha de pesquisa da Linguística Aplicada (LA) embasando-se em autores como Moita-Lopes (2006) e Nascimento (2019). Para falar sobre branquitude e racismo, Cerqueira e Carvalho (2016), Bento (2022) e Mangueira (2019); Sobre o conceito de quilombismo: Abdias do Nascimento (1980); quilombamento digital, Santana e Sobrinho (2020). Ao examinar as narrativas presentes na mídia foi possível perceber que a comunidade do Jatobá constantemente agencia o campo da política, linguagem, e o social por meio das interações promovidas pela mídia.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola do Jatobá, mídia; linguística aplicada; quilombamento; linguagem.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the representation of the identities of the Jatobá/RN quilombola community with respect to the construction of their identities, situated in the media space, specifically on the YouTube platform. This research is qualitative and was generated from two media productions about the Jatobá/RN community, available on the YouTube platform. This study is situated within the research line of Applied Linguistics (AL), drawing on authors such as Moita-Lopes (2006) and Nascimento (2019). To discuss whiteness and racism, see Cerqueira and Carvalho (2016), Bento (2022), and Mangueira (2019); on the concept of quilombismo: Abdias do Nascimento (1980); and on digital quilombismo: Santana and Sobrinho (2020). By examining the narratives present in the media, it was possible to perceive that the Jatobá community constantly influences the fields of politics, language, and society through interactions promoted by the media.

Keywords: Quilombola Community of Jatobá, media; applied linguistics; quilombo formation; language.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: jaisatargino@alu.uern.br.

² Orientadora, professora Doutora no Departamento de Letras Vernáculas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Email: Alineinhoti@uern.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar duas produções midiáticas sobre a Comunidade Quilombola do Jatobá, situada no município de Patu-RN. O interesse pelas produções se dá pelo fato de que a essa comunidade carrega historicamente a resistência do povo quilombola, pois além de sua cultura, traz em sua história uma conquista para todos os ajuntamentos negros do país, ao ser reconhecida territorialmente pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -, sendo a primeira comunidade negra a ser titulada em terras, no Rio Grande do Norte.

O corpus deste estudo é a análise de duas produções midiáticas sobre a comunidade Jatobá/RN, os objetivos específicos são: i) investigar quais categorias sociais a mídia articula na produção audiovisual para discursivizar a comunidade; ii) refletir sobre a relação entre a produção audiovisual e a valorização da memória e identidade quilombola; iii) identificar as práticas de linguagem da comunidade na mídia.

Diante disso, este estudo se justifica pela necessidade de compreender os efeitos da mídia na discursivização da comunidade e como a esta se mostra para as pessoas e uma continuação de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação científica (PIBIC). É um estudo que pode ser essencial para se desenvolver uma postura de enfrentamento da desigualdade racial, para o autorreconhecimento e para aprimorar críticas aos privilégios e mecanismos da branquitude.

A pesquisa se situa nos estudos da Linguística Aplicada (LA) sustentando-se em noções do campo da linguagem enquanto práticas e interações sociais. Para lançar compreensões sobre a atualidade do saber nos campos educacional/acadêmico, social-cultural-político, midiático e linguístico que possibilitem deslocamentos entre aquilo que é dito sobre a comunidade nas mídias, utilizamos autores como Moita-Lopes (2006) e Nascimento (2019). Para falar sobre branquitude e racismo, Cerqueira e Carvalho (2016), Bento (2022) e Manguiera (2019); Sobre o conceito de quilombismo: Abdias do Nascimento (1980); aquilombamento digital, Santana e Sobrinho (2020).

A abordagem metodológica adotada para a realização deste estudo é de cunho qualitativo, bibliográfico e de método documental. A pesquisa foi gerada a partir de duas produções midiáticas em vídeo sobre a comunidade quilombola Jatobá/RN. O primeiro material é o documentário produzido pelo grupo Trilhas Potigueres, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e postado no veículo midiático YouTube no canal *Comtrilhas*. O segundo material é um documentário também postado no Youtube, e produzido por alunos do 2º ano do nível médio de uma escola de Belém do Brejo do Cruz/PB.

A escolha do material em veículo midiático vem justamente pelo poder que a mídia exerce na propagação do conhecimento atualmente, dado que a mídia assume um papel mediador nessa propagação, podendo influenciar o consumo de determinado conteúdo, por estar presente no cotidiano e sempre ao rápido alcance de quem está consumindo e pela rapidez de acesso dada a seus usuários.

O documentário do Comtrilhas disponibiliza um maior alcance e enfoque na principal conquista, que é a titulação em terras da comunidade. Já o segundo material apresenta alunos fazendo um apanhado histórico da comunidade levando em consideração a troca entre os alunos, a relevância da propagação da história da comunidade na mídia. Ambos os materiais trazem os temas: história, ancestralidade e negritude. Considerando vozes de autores com conhecimentos sobre as

comunidades quilombola numa perspectiva racial levando em consideração o racismo estrutural na visão de Fanon (2008) e o processo de resistência e o pertencimento (Ribeiro, 2019). Desse modo, o lugar de fala (Ribeiro, 2019) assume e passa do pessoal ao coletivo, tornando-se também de relevância acadêmica, social e histórica.

O estudo foi guiado pelos seguintes questionamentos: As produções midiáticas sobre a Comunidade Jatobá, por meio da linguagem atuam como instrumento de resistência e autoafirmação de suas raízes na comunidade? Como a mídia escolhida (os documentários) contribui para o reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola? Quais categorias sociais são discursivadas nas produções midiáticas? Esses questionamentos motivam a pesquisa pela construção da visibilidade social, elevando a importância da mídia e a identidade construída pela mídia.

Compreendemos que, apoiados em Fanon (2008, p. 34) “um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito”. Nesse sentido, a linguagem no ponto de vista da LA é mais que o ato de falar, é uma prática social que permite acesso ao mundo no contexto social e cultural, que envolve a interação entre sujeitos e realidades diferentes. Logo, o modo como a mídia retrata a comunidade é essencial para reafirmar a sua luta e a resistência enquanto quilombo, sobretudo na atualidade.

É importante discutir o que Abdias Nascimento (1980) diz sobre o quilombismo e as injustiças sofridas pelo povo negro. Segundo o autor (1980, p. 346) “o negro tragou até a última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo-psicossócio-cultural que mantém atuando até os dias de hoje”. Ou seja, em decorrência da dominação da cultura eurocêntrica, o povo negro sofreu opressões de tal maneira que até os dias de hoje sofrem a consequência do racismo e exclusão.

Porém, é possível perceber a ausência da Comunidade Quilombola Jatobá/RN e de materiais veiculados na mídia que manifestem a existência da comunidade. Isso pode ser comprovado na pesquisa de Targino (2024, p. 01) “foi possível verificar que ainda há poucas produções midiáticas (registros/materiais audiovisuais e textuais) e acadêmicos/científicos que visibilizam as vozes dos próprios membros da comunidade, em uma perspectivaêmica de escuta ativa e efetiva”. Ao serem realizadas buscas por materiais que falassem sobre o ajuntamento Jatobá foi perceptível a ausência de muitos materiais principalmente em relação a mídia.

Diante disso, nos resultados do estudo foi possível perceber que nas mídias analisadas é notório os efeitos da colonização e a luta do movimento negro e quilombola por reconhecimento e visibilidade. As mídias promovem a expansão da cultura para que a sociedade veja a existência e a valorização do povo negro. Os documentários evidenciam como as questões históricas, de linguagem produzem efeitos e são articuladas na construção e afirmação de identidades desse povo.

Dessa forma a pesquisa está organizada da seguinte maneira: trazemos na introdução o direcionamento da pesquisa, seguindo para uma apresentação da Comunidade Quilombola Jatobá/RN, espaço de investigação, partindo para mídia e fazemos a articulação teórico-analítica com os autores que embasam a pesquisa, sendo abordados o Quilombismo, história, ancestralidade e negritude, a Comunidade Jatobá e sua luta e resistência seguindo para as questões de identidade e raça, marcadas pela linguagem. Logo após, a averiguação e análise de todo material da pesquisa, que são os dois documentários sobre o Quilombo

Jatobá/RN postados na plataforma do YouTube, os resultados e conclusão deste estudo.

2. QUILOMBISMO: HISTÓRIA, ANCESTRALIDADE E NEGRITUDE

Historicamente, a luta por igualdade racial e visibilidade remete às amarras da colonização que não dominou apenas o território, mas instaurou um sistema no qual toda a organização social era dominada pelo branco. Essa organização não só oprimiu o negro, mas também gerou consequências que configuram o apagamento de sua identidade, como: a estigmatização do corpo negro, representações estereotipadas e o pacto da branquitude que não é uma só, mas várias situadas na história e no discurso ético da superioridade e racial e privilegiada.

Diante dessas condições nas quais o negro teve sua identidade negada e foi forçado a erguer com suas próprias mãos, os efeitos do processo de colonização viabilizaram uma divisão no país, de tal maneira, principalmente pela noção de raça marcada até os dias de hoje. Nessa noção na qual o negro se vê lutando contra essa realidade de opressão e não sendo tratado como igual, surge à noção de quilombismo defendida por Abdias Nascimento (1980, p. 337) Para o autor, “Os quilombos resultam dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre”. Ou seja, de resistir por meio da fuga, o que atualmente se reproduz nas inúmeras comunidades quilombolas no país. O teórico ainda complementa que

Percebe-se o ideal quilombista difuso, porém consistente, permeando todos os níveis da vida negra e os mais recônditos meandros e/ou refolhos da personalidade afro-brasileira. Um forte ideal e denso que via de regra permanece reprimindo pelas estruturas dominantes, outras vezes é sublimado através de vários mecanismos de defesa fornecidos pelo inconsciente individual ou coletivo (Nascimento, 1980, p. 339).

Em diálogo com o trecho citado, percebemos que a história do Quilombo não fica restrita ao seu passado, mas se aprofunda de modo contínuo na luta contra o racismo estrutural e a luta pela igualdade do povo negro. Ao se usar o termo “difuso” compreende-se que, apesar das tentativas de apagamento, as comunidades negras resistem em suas práticas perante a quem os repreende.

Sob esta ótica, coloca-se em pauta, também, o ideal da branquitude acarretado por esse processo violento da colonização que estrutura o racismo e trouxe como consequência a desigualdade social, para o exercício pleno de uma convivência mais humanizada para com todas as pessoas que compõem este grupo integrantes da comunidade e negros.

A branquitude, conforme a perspectiva de Bento (2022), é um pacto de preservação do privilégio de um grupo – os brancos -, em que estes assumem as melhores posições em cargos sociais e de poder, sem aceitar que outras pessoas, fora deste grupo, ocupem um lugar no qual possa ameaçar sua supremacia. Assim, percebe-se o agir do discurso da branquitude, sobre a Comunidade Quilombola, a qual pode estar acometida por situações diárias de preconceito e luta, além da busca constante por seus direitos. Os comportamentos são sustentados por toda estrutura histórica que naturaliza através desse pacto da branquitude as desigualdades e com a criação do conceito de raças. Assim, o ideal da branquitude

se manifesta como resistência à igualdade, uma vez que os privilégios da branquitude dependem da exclusão dos negros.

Para Jung e Semechechem (2008, p.10), “A identidade e a diferença não são, entretanto, concebidas como dados da natureza; são produzidas cultural e socialmente. Encontram-se, assim, em estreita conexão com as relações de poder, de sorte que a produção dessa identidade não é unificada, mas fragmentada e “fraturada”. Nesse sentido, é notável que a diferença criada entre os indivíduos afeta a convivência dos sujeitos, de caráter social, cultural/linguístico tendo em vista que a linguagem se situa na cultura da comunidade.

Esse processo de construção de identidade sofre influência direta das relações de poder pré-estabelecidas pelo colonialismo português, e conforme Moita Lopes (2006, p.11), “A noção de identidade étnica (cf. Bradão, 1996) é fulcral, assim como sua relação com a língua e cultura.” E essa noção está relacionada à noção de fronteiras étnicas que constrói e é construída ao redor de um grupo étnico como já apontava Barth (1969)”.

Em vista disso, a diversidade étnica, visa a língua, a cultura, o espaço e território. No que diz respeito a comunidade Quilombola Jatobá -, assegurado pela fragmentação e contradição do próprio conceito de identidade (Sarup, 1996, apud, Moita Lopes, 2006, p.11) “desse processo de construção, enquanto indivíduo social. A legitimação e aceitação de todo e qualquer povo, sob a ótica da decolonialidade começa a partir das reflexões as quais logo, é perceptível que a necessidade de reconhecer a si e ao outro como iguais”. Assim, podemos observar que a prática de padronizar uma raça ideal, decorrente do colonialismo, afeta o modo de pensar e ver o mundo, sobretudo, aqueles que se encontram em posições de prestígio em razão do outro enquanto inferiorizado.

Outrossim, na visão de Pinheiro (2023, p. 107) “a decolonialidade assim como o antirracismo, é uma categoria ocidental – ela orbita em torno da colonialidade, assim como o antirracismo gira em torno do racismo”. Entretanto, são completos opostos, validando as reflexões sobre as práticas do racismo estruturalizado desde a raiz do país, até os discursos mascarados de hoje. Quando se olha para a condição dos discursos produzidos, não só sobre raça, cor, mas também sobre a representação feminina – antes e até agora -, é válido pontuar o de fato entre o que se fala e o que se faz, sobre determinada temática. Segundo Ribeiro:

não poder acessar certos espaços acarreta a não existência de produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até em relação a quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (Ribeiro, 2017, p. 30).

Ao falar-se sobre discursos produzidos é relevante destacar o que Ribeiro (2017) articula sobre a falta de espaços sociais de grupos marginalizados, assumindo um caráter de denúncia ao impedimento de dados grupos, como negros, indígenas não serem tratados como detentores de saberes. Quando se diz “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras” Ribeiro (2017 p.30), toca em um ponto crucial: o silenciamento como dominação, pois negar a fala é também negar humanidade e identidade, e dessa forma, dos discursos representam marcas de dominação sobre o outro.

Portanto, é possível compreender a negritude, ancestralidade como categorias da linguagem ao reconhecer a forma que as narrativas são ditas, escritas e representadas. A história de sujeitos silenciados passada pela oralidade. A ancestralidade por sua vez, funciona como um elo unindo passado e presente ao estabelecer a conexão entre saberes geracionais através da oralidade, assumindo aspectos das tradições africanas e afro-brasileiras.

2.1 A COMUNIDADE QUILOMBOLA JATOBÁ: A LUTA PELO RECONHECIMENTO LEGAL DA POPULAÇÃO

A comunidade quilombola Jatobá, situada na zona rural do município de Patu/RN, foi fundada em 1941, oriunda dos escravizados Manoel Gonçalves de Lima e sua esposa Raimunda – escravos de Joaquim Dantas, que possuía o território do chamado Patu de Fora -³, preserva, assim como outras comunidades, os vestígios culturais e tradicionais do seu povo.

Em geral, as comunidades estão ligadas à práticas e ações sociais, como a dança que demonstra e reflete suas raízes africanas e que transmite a luta pela liberdade e igualdade da sua gente. Na comunidade Jatobá desenvolve-se, como principal atividade econômica, a agricultura – com exceção dos que se deslocam para trabalhos na cidade -. É liderada pela remanescente, Sandra, e contabiliza 57 pessoas residentes (Censo, 2022).

A história do surgimento da comunidade começa com a chegada de João Luíz de Aquino, vindo da cidade de Atena-PB e qual possuía terras, mas ao decorrer do tempo, ia perdendo pedaços devido aos ocupantes dos terrenos vizinhos que ao demarcarem suas terras, engoliam de pouco a pouco a de Luíz -, chegou ao município de Patu, e comprou um pedaço de terreno no Jatobá, sítio São Gonçalo. Estabeleceu-se com sua família e, posteriormente, outros parentes que começaram a chegar com o tempo e residem seus descendentes na comunidade que surgiu desde então, deixando para trás o passado escravista e dando início ao recomeço para sua vida.

No ano de 2001, houve o Movimento Patu 2001, que foi o primeiro passo para que a comunidade despertasse a consciência quilombola e iniciasse o processo de reconhecerem suas identidades enquanto remanescentes de quilombo.

Esse Movimento foi crucial, pois mostrou à população em geral, a riqueza cultural da comunidade quilombola, no dia 20 de novembro de 2002 (dia da Consciência Negra) e, a partir de então, deu-se visibilidade e o abrir de olhos necessários para o começo de uma jornada de resistência e busca por reconhecimento. O Movimento trouxe como proposta, a valorização da comunidade e ideias para que esta se tornasse visível e ativa no município de Patu. Foi um projeto pensado e executado pelo médico Eptácio Andrade Filho, que inovou ao trazer à tona os aspectos culturais e, até então, invisibilizados e esquecidos pelas pessoas da comunidade do município. A religião seguida na comunidade é católica, e lá, está sendo construída – desde 2024 – a capelinha de São Benedito para serem realizadas as missas na comunidade.

Após o Movimento Patu (2001), a líder Sandra e os integrantes do ajuntamento negro Jatobá começaram a buscar conhecimento, e em 2004 iniciaram o processo judicial em favor da reclamação das terras na qual a comunidade está situada. Após muito tempo de espera, foram certificados como remanescentes de

³ Patu de Fora refere-se a um sítio localizado no município de Patu/RN.

quilombo pela instituição Fundação Cultural dos Palmares – segundo o site Ipatrimônio⁴– tomando, assim, propriedade do território no qual residem reconhecidos pelo INCRA, sendo a primeira comunidade quilombola do Rio Grande do Norte, titulada e em posse de terras.

Atualmente, a comunidade conta com a associação na qual tudo o que é realizado no ajuntamento Jatobá, sejam obras seja resolução de assuntos, passa por ela. Durante o ano, são desenvolvidos projetos de assistência para manter a atividade na comunidade, embora sejam realizados em datas específicas, como o Dia da Consciência Negra.

2.2 IDENTIDADE E RAÇA COMO CATEGORIAS DA LINGUAGEM

A Comunidade Quilombola Jatobá, se destaca como a primeira comunidade oriunda de Quilombo, a ser titulada com terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Esse marco foi fundamental para o avanço do reconhecimento da comunidade como uma parte valiosa a cultura do espaço no qual está inserida.

No que diz respeito aos valores culturais da Comunidade Jatobá, é indissociável falar sobre a importância da cultura Quilombola que trouxe a própria construção histórica do país, além dos saberes e tradições passados até hoje para a frente, sem mesmo que os próprios sujeitos tenham essa consciência.

A união do povo negro trouxe mais força às lutas travadas por igualdade em um contexto geral, assim, o quilombismo, como concebe Nascimento (1980), foi um importante movimento que elenca a resistência dos negros brasileiros, um projeto antirracista que luta por igualdade de toda uma gente. Nesse sentido, é perceptível que a estruturalização social é totalmente voltada à figura do branco eurocêntrico, conforme articula Nascimento (1980):

O esquema de relações de raça no país baseava-se na supremacia do descendente branco-europeu que se autoconstituiu numa pretensa elite; um supremacismo tão bem estruturado a ponto de ter podido permanecer livre de um desafio radical durante todas as transformações sócio-políticas pelas quais tem passado a nação (Nascimento, 1980, p. 59).

Em diálogo com o autor acima, podemos observar que a supremacia branca não apenas se instaurou no poder, como criou uma narrativa na qual essa superioridade do branco é legitimada pelas instituições sociais, políticas e elitizadas, descartando a cultura e identidade do negro, vendendo uma falsa harmonia entre os negros e brancos. O ponto, é que o autor retrata que essa máscara foi tão bem instaurada que perpassou séculos de mudanças no país, e que apesar de tantas transformações ainda é visível no contexto atual.

Isso se evidencia na comunidade Jatobá, pois além de terem demorado a serem reconhecidos como quilombo, passaram por um extenso processo judicial para conquistar a titulação das terras. Evidencia-se também, na falta de produções

⁴ disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/aceso-a-informacao/copy3_of_Download_do_PDF_das_Comunidades_certificadas_Certidoes_expedidas_Posicao_14.04.2025.pdf/view

mediáticas que versem sobre a comunidade (Targino, 2024) que é rica em cultura e essencial para a formação de identidade social.

Quando se fala sobre o Quilombo de um modo geral, é possível imaginar todo percurso construídos historicamente. A identidade do quilombo é marcada por uma construção coletiva e social de saberes ancestrais passados de geração em geração. Na visão de Santana e Sobrinho (2020, p. 64), “diante da emergência da possibilidade da mediação online, identifica-se a gradativa promoção de reflexividades sobre negras e negros que podem favorecer a constituição das identidades a partir de símbolos e personalidades avaliadas positivamente...” A perspectiva de gradatividade em relação às reflexividades na constituição de identidades remete a um efeito das mídias na propagação de um determinado conteúdo em detrimento da construção da identidade de sujeitos negros que podem até então não se compreenderem de forma racial.

Em um levantamento e estudo realizado em uma matéria do blog *meio&mensagem*,⁵ a propagação de personalidades negras em destaque é crescente a cada dia, principalmente em plataformas como *Instagram*, *TikTok*, e *YouTube*, que é a plataforma na qual se situam os materiais de análise desta pesquisa. Isto quer dizer que existem diversas maneiras e possibilidades de se levar conhecimento sobre cultura negra ao mesmo tempo que se combate a redução do racismo pelas estereotipações e invisibilidade da identidade dos negros na mídia. Dessa forma, segundo Santana e Sobrinho (2020):

É comum neste trajeto de identificação a descoberta de referências que colocam em xeque as referências assimiladas pela vida cotidiana e pela replicação de informações deletérias sobre a população negra, favorecidas pela assimilação dos jogos de poder implícitos na construção do imaginário social. A percepção destas novas realidades colabora para o desvelamento do processo histórico de apropriação simbólica vigente em um espaço geográfico colonizado (Santana e Sobrinho, 2020, p. 73).

Ao falar sobre esse trajeto de identificação dos negros, o discurso sobre raças em um país tão diverso quanto o Brasil ainda se encontra envolto de estigmas, o poder implícito presente nos espaços sociais ainda reitera a inferiorização do sujeito negro. As referências negras na mídia podem potencializar a afirmação de sua identidade, além de conquistar espaço para aqueles que se sentem representados.

Ao considerar a diversidade também se faz presente o que Nascimento (1980) articula sobre a ancestralidade como um princípio que sustenta a batalha contra o racismo e orienta a afirmação de identidade do povo Quilombola. Quando a comunidade assume referência na mídia, assumindo sua ancestralidade africana e coletiva além de se colocar contra o silenciamento, ela luta pela deslegitimação das suas práticas e contesta os espaços eurocêntricos.

há uma insistência discursiva no tema da solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação (escolar ou não-escolar) (Rojo, 2006, p. 257).

A autora retoma à noção de que "na elaboração de resultados pertinentes" abram-se espaço para o reconhecimento de múltiplas vozes e experiências que

⁵ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/influencia-negra-midia-publicidade>

compõem a realidade social. Também ao enfatizar o uso da "linguagem e ao discurso" ela refere-se a um ensino que não é pautado apenas pela gramática ou normas, mas pela diversidade social e cultural de um povo. Nesse sentido, essa perspectiva dialoga com práticas integrativas na Comunidade Jatobá, pois parte de uma visão de uma educação que se faz presente na realidade local na legitimação de saberes e que essa educação vai para além do ensinar, mas que tenha acesso ao mundo pela mídia. Além de legitimar os saberes, eles são transmitidos a partir da luta e do reconhecimento da identidade quilombola.

3. DO APAGAMENTO À AFIRMAÇÃO: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE DO JATOBÁ NA MÍDIA

A Comunidade Jatobá/RN é marcada por resistência e pela trajetória de enfrentamentos das estruturas de poder que estabelecem o que é ou não aceitável dentro da sociedade. Para compreender a luta das comunidades, é necessário partir da ideia de que o próprio território quilombola não representa apenas espaço, mas símbolo de identidade, como mostra Bento (2022):

o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo (Bento, 2022, p. 04).

A partir da citação apresentada, podemos compreender a herança escravocrata no Brasil ao apontar que os brancos saíram do período da escravidão com heranças, isso afirma os privilégios estruturais estabelecidos e nos quais o branco não se posiciona sobre. A recusa desses privilégios, também segundo Bento (2002) pode representar o pacto narcísico da branquitude no qual visa a proteger a liderança dos privilégios raciais e os lugares de poder nas instituições sociais e políticas, nas quais o branco predominantemente se mantém e ocupa espaços que devem ser para todos.

Tal posicionamento é de suma importância para entender a situação e o lugar daquele que ainda é afetado e enfrentam as consequências do sistema criado pelo poder da branquitude. Para Sodré (2016, p. 778), A identidade negra “encontra-se no não lugar, no terceiro espaço que qualquer intelectual negro e negra conhece porque vivencia cotidianamente a sensação de ao mesmo tempo estar dentro e fora do sistema.” O que está estabelecido pelo sistema na prática não entra em acordo na teoria, na qual devem ocupar espaços iguais em direitos e respeito. O apagamento do povo negro é evidente na estrutura social que sempre tem privilegiado o branco numa lógica eurocêntrica.

Para mergulhar neste estudo, o primeiro documentário, intitulado *Comunidade Quilombola do Jatobá* em vídeo trata de uma troca entre os “remanescentes”, como foram titulados no documentário e estudantes da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - O vídeo tem como título *Comunidade Quilombola do Jatobá* e foi postado no canal midiático da plataforma YouTube no canal Comtrilhas. Ao acompanhar as falas e experiências compartilhadas, o documentário possibilita compreender, com maior profundidade, a complexidade das vivências quilombolas e os desafios enfrentados para manter suas tradições, seus direitos e sua autonomia.

Imagem 1: abertura do documentário com o nome da comunidade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5A-0opxzTO8> Acesso em: 5 de maio de 2025.

A imagem registra a entrada da Comunidade Quilombola do Jatobá localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte. O cenário da imagem compõe a paisagem nordestina, tipicamente conhecida pela aridez que reforça a resistência cotidiana das comunidades frente às adversidades, sejam elas sociais, sejam climáticas. Os elementos na imagem remetem a um modo de vida simples e fortemente ligado à terra, à estrada, à presença do carneiro, que é um animal bastante comum em residências rurais, e o domínio de uma paisagem seca reforçam a aproximação com o espaço rural. Esses aspectos traduzem relação entre o território e a memória que são também marcantes na comunidade quilombola que se mantem por práticas agrícolas, culturais e simbólicas.

Essa imagem do início do curta-metragem traz a afirmação de sujeitos que ultrapassa um espaço geográfico, e passa ser documentada a história de resistência de um povo que aos poucos construiu sua identidade quilombola, sendo assim um território que tensiona os padrões estabelecidos pela branquitude e reivindica o direito à terra, à memória e à ancestralidade. O título da imagem é editado no vídeo, não sendo uma pintura no muro, apesar de que na entrada da comunidade possui uma placa.

Essa realidade é retratada por Nascimento (1980, p. 338) ao destaca que “o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente o povo afro-brasileiro por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros.” Isto é, a noção de Quilombismo perpassa um ideal no qual se reduz a uma luta única e passa a ser coletiva, focando não na conquista de um espaço físico apenas, mas também de respeito à história e o resgate às tradições que foram passadas de geração em geração desde o período escravocrata.

É relevante inferir que atualmente o que é considerado e aceito culturalmente tem bastante impacto nas gerações que virão. Ribeiro (2017) destaca que:

A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e estimular criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora (Ribeiro, 2017, p. 35).

A linguagem nesse sentido é um instrumento de transformação e poder, podendo influenciar um determinado público pelo modo que é usada. A fala chama

atenção porque traz à tona uma crítica profunda sobre o papel da linguagem na reprodução de desigualdades sociais e educacionais. Ao destacar que esta pode ser tanto ferramenta de aproximação quanto de exclusão no curta-metragem, a líder da comunidade retrata as pessoas que lá vivem e sua história com respeito a sua história e tradição conforme mostra a imagem a seguir.

Imagem 2: momento de conversa com os remanescentes da comunidade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5A-0opxzTO8>
Acesso em: 5 de maio de 2025.

No trecho do curta, um dos residentes da comunidade relata que no passado, ex-escravizados tiveram suas cartas de alforria encontradas - o que foi crucial para o autodescobrimento da Comunidade do Jatobá - eram pegos "a dente de cachorro"⁶ a expressão pode ser vista como uma memória ancestral tendo em vista que revela de modo explícito o modo com o qual os negros e escravizados de quilombos no passado eram tratados e perseguidos. É uma narrativa de sobrevivência, de luta e resistência.

Transcrição 1

Fala do residente da comunidade	E aí veio um antropólogo, pesquisou na região, achou cartas de alforria de pessoas que tinham sido alforriadas por fazendeiros aqui, no município de Martins, encontrou pessoas que tinham sido pegas a dente de cachorro, descendentes da gente também. Os fazendeiros corria e tal, e pegava a dente de cachorro mesmo, que nem se pega animal. Aí a gente despertou ainda mais, né? Porque a gente até aí não sabia dessa história
---------------------------------	---

Fonte: elaborado pela autora

A forma como os próprios sujeitos da comunidade fala sobre sua própria história para outros indivíduos que não conhecem a realidade deles, seja através das suas danças, histórias orais e os próprios registros que estes guardam passam a ocupar o centro de um discurso no qual o termo "quilombo" não é apenas um rótulo ou uma titulação, mas sim a marca de memória e luta destes que passaram a

⁶ A expressão remete ao ato de sequestro, geralmente de negros em fuga, com intensidade e brutalidade descritas pela metáfora “dente de cachorro”.

ressignificar por meio da linguagem, da resistência as suas vivências. Seguindo para a imagem abaixo:

Imagem 3: Falada presidente da comunidade sobre o autoreconhecimento



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5A-0opxzTO8>

Acesso em: 5 de maio de 2025.

Transcrição 2:

Fala da líder da comunidade:	E na comunidade, 2001, tem-se um movimento quilombola, né, Patu 2001, na época. E esse movimento foi que veio a nos despertar pra o que é comunidade quilombola.
------------------------------	--

Fonte: elaborado pela autora

No referido trecho é possível perceber uma tomada de consciência quilombola adquirida pela líder. Ao reconhecer em sua fala que a partir de um movimento negro que surgiu na comunidade no ano de 2001, que se voltou para um resgate da cultura quilombola e assim, a identidade desses sujeitos começaram a se firmar. Reconhecer a comunidade Quilombola nesse sentido pode ter em peso na palavra usada pela líder "despertar" pois carrega em si um estilo simples de linguagem do interior, o peso da resistência, da memória e dos valores de quilombo que foram aos poucos sendo integrados na comunidade.

Recordando o que Nascimento (1980, p. 348) "Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência e comunhão existencial." fala sobre o que é ser quilombo, descrevendo o seu significado e que é possível perceber pela postura e modo de falar sobre o modo como a representante fala sobre a comunidade que mostra que a comunidade não é apenas um passado apagado e sofrido, mas um coletivo vivo e sustentada pelos saberes e reconhecimento de seus valores.

3.1 SABERES, MEMÓRIAS E RECONHECIMENTO A PARTIR DAS INTERAÇÕES ENTRE ESTUDANTES E OS RESIDENTES DO QUILOMBO JATOBÁ

O segundo material também se trata de um curta-metragem em forma documental, também postado na plataforma do YouTube, no canal Augusto Neto e

traz como título *Comunidade Quilombola do Jatobá*. O documentário foi produzido por alunos do 2º ano do ensino médio da escola Américo Maia em Belém do Brejo do Cruz/PB. A proposta audiovisual tem como finalidade registrar aspectos da história da Comunidade, resgatando memórias e práticas culturais que perpassam nas gerações da comunidade.

Os alunos fizeram uma excursão para gravar sobre as histórias e tradições da Comunidade Jatobá, junto ao professor da disciplina de História. Os alunos pesquisaram sobre a comunidade e é relatado no documentário que a comunidade mantém suas tradições vivas principalmente pela dança. A partir das interações do documentário é possível perceber que uma atividade como esta incentiva estudantes a compreenderem de forma prática a história e a cultura local.

A produção do documentário permite aos alunos entenderem o uso na linguagem na construção de identidades. Sujeitos do discurso que não apenas reproduzem uma língua e linguagem já existentes, mas produzem a partir dos contextos e interações carregando os significados históricos e culturais.

Durante a visita da turma, os alunos conversaram com os moradores da comunidade, e estes mostraram sua cultura, tradições e, no curta, mostra ser um momento de importantes aprendizagens e troca para alunos e alunas de escolas do nível médio e os remanescentes do Jatobá. Segundo Rojo (2006, p. 107) “há uma insistência discursiva no tema da solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação”. É notável que as temáticas sociais e urgentes como o racismo e apagamento-, vão muito além de um domínio técnico ou padronizado de ensino e de língua/linguagem levando a reflexões sobre história e valores culturais.

A troca de experiências rompe com a visão tradicional e tecnicista da língua uma vez que os estudantes adquirem saberes transmitidos pela oralidade. Ao escutarem as narrativas dos moradores e vivenciarem aquele momento, como o da dança, é possível entender que os estudantes ampliam compreensão das práticas sociais de linguagem, conforme propõe Rojo e não estrutural como nas escolas padronizadas.

A inclusão da comunidade em específico é refletida numa educação de caráter antirracista, que tem potencial para ser explorada com força nas instituições de ensino, sendo, portanto, uma ligação entre a ancestralidade uma ligação entre ancestralidade e o presente. Evidencia-se a importância de falar sobre a comunidade Jatobá nesse espaço. Combater raízes de um racismo que se perpetua e estruturaliza as instituições de poder, para reconhecer e valorizar essas culturas que fazem parte da construção de uma identidade maior e não menos importante, para que estes saibam o seu valor e se reconheçam de forma a ver seu próprio pertencimento.

Imagem 4: momento cultural na comunidade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2oG30demenY>

Acesso em: 12 de maio de 2025

A dança interpretada pelos residentes da comunidade reflete uma linguagem que articula memória, vozes e ideologias de um povo que lutou e luta até hoje pela liberdade, sendo, portanto, uma prática de linguagem que transpassa a ideia de estrutura em torno da língua. A partir diisso, Lopes 2006 discute:

a área de LA, no processo de constituição de sua identidade recente, só poderá esboçar resposta "própria" enquanto campo transdisciplinar, tomando as privações sofridas pelos sujeitos, comunidades e grupos em nossa sociedade para fundar seu(s) objeto(s) de investigação e, principalmente buscando configurações teórico-metodológicas próprias, autônomas não só da lingüística inaugural, mas também das outras disciplinas de referência (psicologia, sociologia, estética), porque rearticuladas de um ponto de vista "próprio", colocado pelo problema a resolver (Moita-Lopes, 2006, p. 337).

Ao afirmar que a linguagem precisa construir-se como um campo transdisciplinar fundado nas privações e experiências vividas por sujeitos e comunidades, dialoga diretamente com o contexto da Comunidade Quilombola do Jatobá. No momento da imagem acima do documentário, observa-se que o grupo de residentes jovens e até mesmo os mais experientes performam uma dança tradicional, prática que expressa a cultura dos quilombos e a preservação das memórias ancestrais de seu povo.

Esse momento performático materializa o que o Lopes (2018) diz sobre o conhecimento e a linguagem que devem emergir das práticas sociais reais, enraizadas na vida das pessoas e em seus modos de existir. Ao ver a dança como uma prática de linguagem, pode-se compreender a noção dos saberes ancestrais que perpassam na comunidade, categorizando assim a dança como uma linguagem simbólica e repleta de sentidos e a essência quilombola. O ato de dançar nesse sentido, também se enquadra como resistência e manifestação cultural.

Imagem 5: entrevista dos alunos e a liderança no Jatobá

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2oG30demenY>.

Acesso em: 12 de maio de 2025

O segundo momento após o momento de dança é o que os estudantes entrevistam rapidamente os representantes da Comunidade Jatobá. Durante a entrevista a comunidade é abordada com o propósito de entender melhor o seu processo de reconhecimento, tanto histórico como territorial. Em um dos momentos, a estudante entrevistadora pergunta:

Transcrição 3

Fala da estudante entrevistada	Como ocorreu o reconhecimento social sobre a comunidade enquanto descendentes de Quilombo?
Fala da líder	Foi a partir do movimento 2001 (movimento Patu-2001) foi que a gente viu a necessidade de se criar a associação, porque não podíamos fazer nada sozinhos, tinha que ser com a associação. E o reconhecimento, a gente mandou um ofício para COMARE tornarem a Comunidade Quilombola e nós também sermos reconhecidos.

Fonte: elaborado pela autora

O relato apresentado pela líder da comunidade evidencia que o processo de reconhecimento da comunidade foi bem além de uma formalidade. Ao expressar que eles “não podiam fazer nada sozinhos” a líder ressalta a importância que o gradativo processo de reconhecimento territorial da comunidade – que iniciou no ano de 2001, com o Movimento Patu 2001, e que foi dito no documentário que foi um marco essencial, um momento de reunião com pessoas (Angolanos) e um professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) do Município de Patu, que tinham conhecimento sobre Quilombos e os alertaram, fazendo com que estes despertassem. – Teve ao se organizarem e buscarem o autoconhecimento sobre eles mesmos, além de seus direitos enquanto legados de um passado escravista.

De uma perspectiva foucaultiana, entendo as relações raciais no Brasil como um domínio que produz e articula poderes, saberes e modos de subjetivação. Tal como ele afirma para o caso da sexualidade, se a racialidade se coloca como um domínio a conhecer é porque relações de poder a “instituíram como objeto possível; em troca, se o poder pode tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos” (Carneiro 2018, p. 22-23).

O ato de perguntar e narrar mobiliza relações de poder e resistência. Ao falar sobre esse processo de reconhecimento da comunidade. Ao mesmo tempo, a presença da estudante representa a abertura de espaços institucionais (como a escola) para escutar e legitimar essas vozes. A entrevista é vista como um ato político-discursivo na qual a linguagem opera como um campo de disputa simbólica em que o saber quilombola desafia o saber hegemônico, revelando que o conhecimento é sempre produzido nas relações, nas trocas e nas práticas sociais que constituem os sujeitos e suas histórias.

Ao dar voz e vez aos residentes da comunidade e reconhecer seus saberes e tradições rompe-se a soberania de saberes hegemônicos dominantes e se afirma a legitimidade da comunidade de identidade e resistência. Ao trazer vozes quilombolas para a mídia movimenta-se as relações de poder e se configura uma narrativa na qual o ser quilombo ganha força ao resistir por meio da linguagem, oralidade e suas tradições. Aqui também pode-se ressaltar que a potência da Comunidade está presente não só na sua luta por terras, mas também na força da sua linguagem, na persistência de suas memórias e na sua força coletiva.

Imagem 6: fala do vice-presidente da comunidade sobre a preservação cultural da comunidade



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2oG30demenY>

Acesso em: 12 de maio de 2025

Transcrição 4

Aluna entrevistadora:	O que vocês fazem para preservar as histórias e tradições da sua comunidade?
Fala do vice-presidente da comunidade quilombola, Ítalo:	A gente procura sempre perguntar aos mais velhos como era o tempo de antigamente. Pra gente sempre reavivar essa história, uma história enraizada que a gente gosta de escutar.

Fonte: elaborado pela autora

Nesse momento da entrevista, é perguntado como eles mantêm a cultura viva, como está posto na tabela acima. E o vice-líder da comunidade que também conduz as práticas de dança na comunidade fala sobre a questão da oralidade, ao buscar as histórias de seus antepassados por meio dos mais antigos residentes. A oralidade nesse sentido atua como a união entre o passado e presente e, portanto, uma prática de linguagem que mantém vida a cultura da comunidade. A mídia também representa uma expressão da linguagem como uma prática de resistência também.

Outrossim, a própria simplicidade da comunidade como é vista no curta, que é também vista de fora como uma comunidade rural do interior, reforça a ideia de união, um espaço de convivência e trocas afetivas repleta de solidariedade para com o outro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como foco a analisar a representação de identidades da comunidade quilombola Jatobá/RN no que diz respeito à construção das suas identidades, situadas no espaço midiático, em específico, na plataforma do Youtube. Tendo como objetivos específicos i) investigar quais categorias sociais a mídia articula na produção audiovisual para discursivizar a comunidade; ii) refletir sobre a relação entre a produção audiovisual e a valorização da memória e identidade quilombola; iii) identificar as práticas de linguagem da comunidade na mídia.

As reflexões até aqui apresentadas evidenciam que o processo de reconhecimento de luta e saberes quilombolas ultrapassam uma “inclusão” superficial da comunidade. Esta pesquisa teve como foco duas produções midiáticas sobre a Comunidade Jatobá do município de Patu/RN, cujo objetivo é averiguar o modo como essas mídias constroem identidade, memórias e resistência no quilombo.

Os dados evidenciam que as narrativas sobre a Comunidade Quilombola Jatobá não se limitam apenas a falar sobre seu autorreconhecimento enquanto quilombo, mas também político, ao buscarem a legalização do território onde residem e oficialmente serem reconhecidos enquanto remanescentes de quilombo.

As produções midiáticas sobre a Comunidade Jatobá atuam como instrumento de resistência ao possibilitarem que a Comunidade produza suas próprias vivências e falando sobre sua cultura e tradições. As categorias sociais discursivizadas na comunidade são a identidade, política, e a ancestralidade ao trazer as narrativas de geração em geração através dos residentes, sendo eixos do discurso que afirmam a importância da comunidade.

Também é relevante destacar que ao analisar as duas produções midiáticas é possível perceber que as representações da mídia podem reforçar discursos que se perpetuam e podem buscar para a valorização de saberes e vozes marginalizadas, principalmente a do quilombo que traz valores da cultura afro, pois o discurso midiático é também um campo não neutro da representação. É um campo de poder no qual são construídas narrativas sobre memória, além de hierarquizar quais vozes podem/são ouvidas.

Nesse contexto, a linguagem atua como instrumento de mediação que pode legitimar ou reprimir determinadas narrativas, pois a linguagem veiculada às mídias participa da produção de saberes culturais, levando em consideração as tradições da comunidade. Dessa forma, ao reconhecer o potencial da mídia no tensionamento de falas dominantes e o papel da mídia em propagar vozes historicamente apagadas, abre-se espaço para a construção de práticas de antirracismo em espaços sociais e de poder.

A pesquisa se revela importante por evidenciar como às mídias atuam na ressignificação e construção de identidades do quilombo Jatobá/RN. Desse modo, este estudo busca contribuir para um olhar mais sensível, reconhecendo o valor político e social da Comunidade Jatobá, ao compreender a mídia e a linguagem como espaços de resistência além de reafirmar a importância de promover o respeito, reconhecimento da comunidade reforçando o reconhecimento político e

social de sua história, como eles preservam os saberes que fazem parte da sua ancestralidade e luta enquanto quilombo negro. Por fim, espera-se que em futuras pesquisas se ampliem o diálogo entre, mídia, identidade e quilombo, investigando de modo mais profundo como essas plataformas têm impacto na propagação de conhecimentos sobre as comunidades.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CERQUEIRA, Fernanda de O.; CARVALHO, Danniel da S. **Racializando língua ou linguificando raça?** Trabalhos em Linguística Aplicada. v. 61, n. 2, Campinas: SP, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- IBIRAPITANGA; SCHUCMAN, Lia Vainer (orgs.). **Branquitude**: Diálogos sobre racismo e antirracismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo,. Parábola Editorial, 2006
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 2.ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.
- SANTANA, Gabriel. LIMA Suamme; SOBRINHO, Boni. **Aquilombamento Digital**. [S.l.]: Clube de Autores, 2020.
- SEMECHCHEM, Jakeline; JUNG, Neiva Maria. **A co-construção de identidades sociais em sala de aula de língua**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 9-31, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.uepg.br/uniletras>.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- ROJO, R Helena Rodrigues. **O que é fazer linguística aplicada? Um consenso atual de comunidade**. In: MOITA LOPES. Por uma linguística aplicada indisciplinar, São Paulo. Parábola, 2006, p. 257.
- TARGINO, Jaísa; **Histórias de lutas do passado**: a mídia e a negociação de identidades sobre a Comunidade Quilombola Jatobá RN. Patu, 2024.

AGRADECIMENTOS

Esta caminhada foi, antes de tudo, um encontro comigo mesma. Ao longo do curso, compreendi que aprender é também se reconhecer e assim, passamos a ver as coisas de outras maneiras, de sentir, pensar e se expressar também.

Agradeço primeiramente a Deus por nunca soltar a minha mão. Em cada momento de cansaço, incerteza, foi Ele quem me sustentou com seu infinito amor e bondade.

Agradeço com todo amor do mundo, a minha mãe, ao meu padrasto e meus irmãos. Obrigada por estarem presentes em cada fase, por serem minha base, me ouvindo, me apoiando e acreditando que eu era capaz, mesmo quando eu mesma duvidava (e chegava em casa querendo um abraço de minha mãe) agradeço o cuidado, o carinho sempre, amo vocês demais.

Agradeço ao meu bem querer, meu namorado, Matheus. Entre os trabalhos, as provas (e provas) risadas (e caos) e noites de estudo, encontramos um ao outro e isso se transformou em algo muito mais bonito. Seu companheirismo foi um dos maiores presentes que a trajetória na faculdade me trouxe, obrigada por estar ao meu lado sempre, pelas boas risadas que damos juntos, pela companhia em todos os momentos, te amo!

Agradeço a minha amiga querida, Emmelly, com quem compartilhei durante essa trajetória muitos momentos especiais. Um reencontro que a vida me trouxe de presente, e quem diria que as meninas que um dia brincaram juntas na infância se formariam juntas? Obrigada por caminhar comigo, minha amiga, essa caminhada continuam na vida e a sua presença, sua boa companhia eu levo para sempre comigo.

Agradeço as minhas amigas, Natália e Alannya por serem minhas companheiras fiéis nessa jornada. Compartilhamos muito mais que as experiências em sala de aula, firmamos uma amizade inesquecível para a vida. Com vocês os meus dias se tornaram mais leves, obrigada por todo apoio e carinho sempre, girls, amo vocês.

Agradeço à minha orientadora Dra. Aline Almeida Inhoti, que foi mais que uma professora e orientadora, foi acolhimento, escuta, sempre com respeito, sensibilidade e um olhar atento. Obrigada por caminhar junto comigo desde o início de tudo, pela nossa parceria no PIBIC (nosso trabalho que foi laureado!!!), no projeto e no TCC. Agradeço por cada conversa, incentivo e contribuição cuidadosa. Aline me inspirou desde suas aulas nas disciplinas que ministrou, principalmente na de Letramentos, Diversidade e Multiculturalismo, das boas trocas que tivemos, nos momentos de orientação levarei com muito afeto e carinho os seus ensinamentos e saiba que quando penso em professorar, que eu logo penso na “Aline Queridah” que ensina com tanta dedicação e afeto ao que faz.

Agradeço, principalmente, à banca examinadora, representada pela professora Dra. Antônio Sueli e pelo professor Willian, pela disponibilidade, pelas contribuições enriquecedoras e pelo olhar atento e dedicado a este trabalho. Suas considerações foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa e para o meu crescimento acadêmico e, por fim, aos que estiveram comigo ao longo desse caminho.